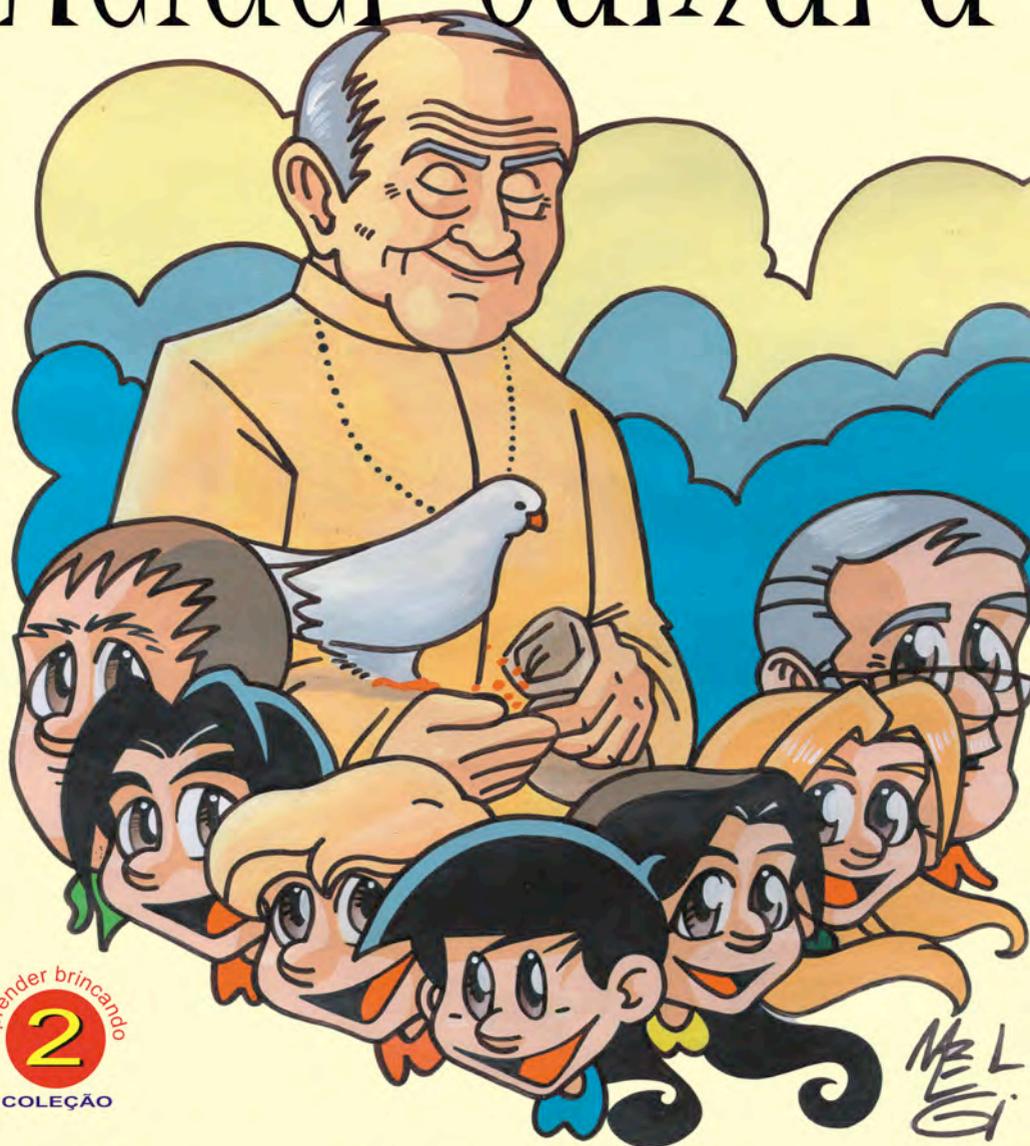


# Um menino chamado Hélder Câmara



aprender brincando  
**2**  
COLEÇÃO

Mário Souza Maior

pernambucana de folclore com Waldemar Valente (1988), Antologia da poesia popular de Pernambuco com Waldemar Valente (1989), Antologia do carnaval do Recife com Leonardo Dantas Silva (1991), A língua na boca do povo (1992), Sogra: prós & contras (1992), O Recife, quatro séculos de sua paisagem com Leonardo Dantas Silva (1992), O puxa-saco: aqui, ali & acolá (1993), A paisagem pernambucana com Leonardo Dantas Silva (1993), Três estórias de Deus quando fez o mundo (1993), Riqueza, alimentação e folclore do coco (1994), Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa (1994), A mulher e o homem na sabedoria popular (1994), A mulher que enganou o diabo (1994), As dobras do tempo: quase memórias (1995), O homem e o tempo (1995), Brasil x Portugal: aquele abraço (1995), Folclore, etc & tal (1995), Os mistérios do faz-mal (1996), Frei Damião: um santo? (1998), Orações que o povo reza (1998), Pedro e seus mil carneirinhos (1998), Cangaço: algumas referências bibliográficas (1999), A mulher que casou com uma cobra, (1999), Padre Cícero Romão Batista: algumas referências bibliográficas, Dicionário de Folcloristas Brasileiros (1999) e Um Menino Chamado Gilberto Freyre (1999). Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco, onde atualmente exerce as funções de chefe da Coordenadoria de Estudos Folclóricos, Mário Souto Maior é poeta, contista, pesquisador, colaborando em jornais e revistas especializadas do Brasil e do estrangeiro e, em 1979, com o livro Folclore & Alimentação ganhou o Prêmio Sílvio Romero, do Ministério da Educação e Cultura e, com o mesmo livro, em 1989, ganhou o Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar, instituído pelo Fondo Nacional de las Artes, do Ministério de la Educación y Justicia, da Argentina.

Mário Souto Maior  
WebSite

[www.soutomaior.eti.br](http://www.soutomaior.eti.br)  
[jan@soutomaior.eti.br](mailto:jan@soutomaior.eti.br)

Um Menino  
Chamado  
**Helder Câmara**



**Mário Souto Maior**

Copyright c 2012 Jan Souto Maior  
Av. Getúlio Vargas, 963  
53030-010 Olinda, Pernambuco, Brasil

MsM Web Site  
<http://www.soutomaior.eti.br>  
[jan@soutomaior.eti.br](mailto:jan@soutomaior.eti.br)

Todos os direitos reservados são protegidos pela Lei nº 9.610, de 12.02.1998  
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,  
sem autorização prévia, por escrito, dos herdeiros do autor

Capa e Projeto Gráfico  
Jan Souto Maior  
[jan@soutomaior.eti.br](mailto:jan@soutomaior.eti.br)

Ilustrações  
Marcel Mello

Printed in Brazil  
Impresso no Brasil

]

Um Menino  
Chamado  
**Hélder Câmara**

Todo domingo é dia de festa, aqui em casa. Os filhos, as noras e os netos fazem a nossa alegria. Os netos, então, *pintam-o-sete*, brincam, correm, riem, gritam, fazem um barulho enorme, um barulho que a gente sente falta quando eles vão embora.

No domingo passado a casa estava cheia. Era um dia de sol muito bonito e os netos brincavam no terraço, no quintal, subindo na goiabeira, colhendo jabuticabas e acerolas. De repente, o tempo mudou. O sol desapareceu e começou a chover bem forte. A chuva é uma benção de Deus. Ela faz com que as sementes, que os agricultores semearam, germinem, as

árvores frutíferas floresçam, as flores enfeitam os jardins. Com a chuva, o mundo fica mais bonito, mais verde, mais enfeitado e a gente tem os alimentos de cada dia.

Chovendo tanto, os netos tiveram que deixar o quintal e o terraço, ficando todos na sala, onde a televisão não tinha nenhum programa que agradasse.

Aí, Lucas chegou perto de mim e falou:

- Por que *vô* não conta uma estória pra gente, como aquela daquele menino que era estudioso e gostava muito de ler e que se chamava Gilberto Freyre?

Os netos foram se aproximando e eu tive que interromper a leitura dos jornais, trocar os óculos, para atender ao pedido dos netos que são *pessoinhas* muito importantes para mim. Eu gosto de ser avô, porque ser avô é ser pai com açúcar. Os pais repreendem os filhos, passam *carão* e eu, como avô, fico quieto, no meu canto, torcendo para que nada aconteça aos netos.

- Está certo – concordei. Mas hoje eu vou contar outra estória, muito bonita, de um menino que também conseguiu ser, graças aos seus estudos, a sua força de vontade, um dos maiores brasileiros do nosso tempo. Vou contar prá vocês a estória de um menino que se chamava Hélder Câmara.



- Como é o nome dele, vô? – quis saber Bruno.

- O nome dele foi escolhido por seu pai. Hélder é o nome de um lugarejo situado na Holanda.

- Tá bom, vô...

O menino Hélder Câmara nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909, na cidade de Fortaleza, Ceará. Seu pai, João Câmara Filho, era guarda-livros.

- Ele guardava os livros de quem, vô? – indagou Érica, sempre muito curiosa.

- Não, Érica. Guarda-livros é a pessoa que faz a escrita comercial de uma loja, de uma empresa, de uma fábrica, anotando as mercadorias compradas e vendidas, os impostos e os salários pagos, para saber, no fim do ano, se houve lucro ou prejuízo.

- Entendi, vô! – disse Érica.

A mãe de Hélder, dona Adelaide Pessoa Câmara, era professora primária...

- O que quer dizer professora primária, vô?

É a primeira vez que a pessoa é professora? – perguntou Marcelo.

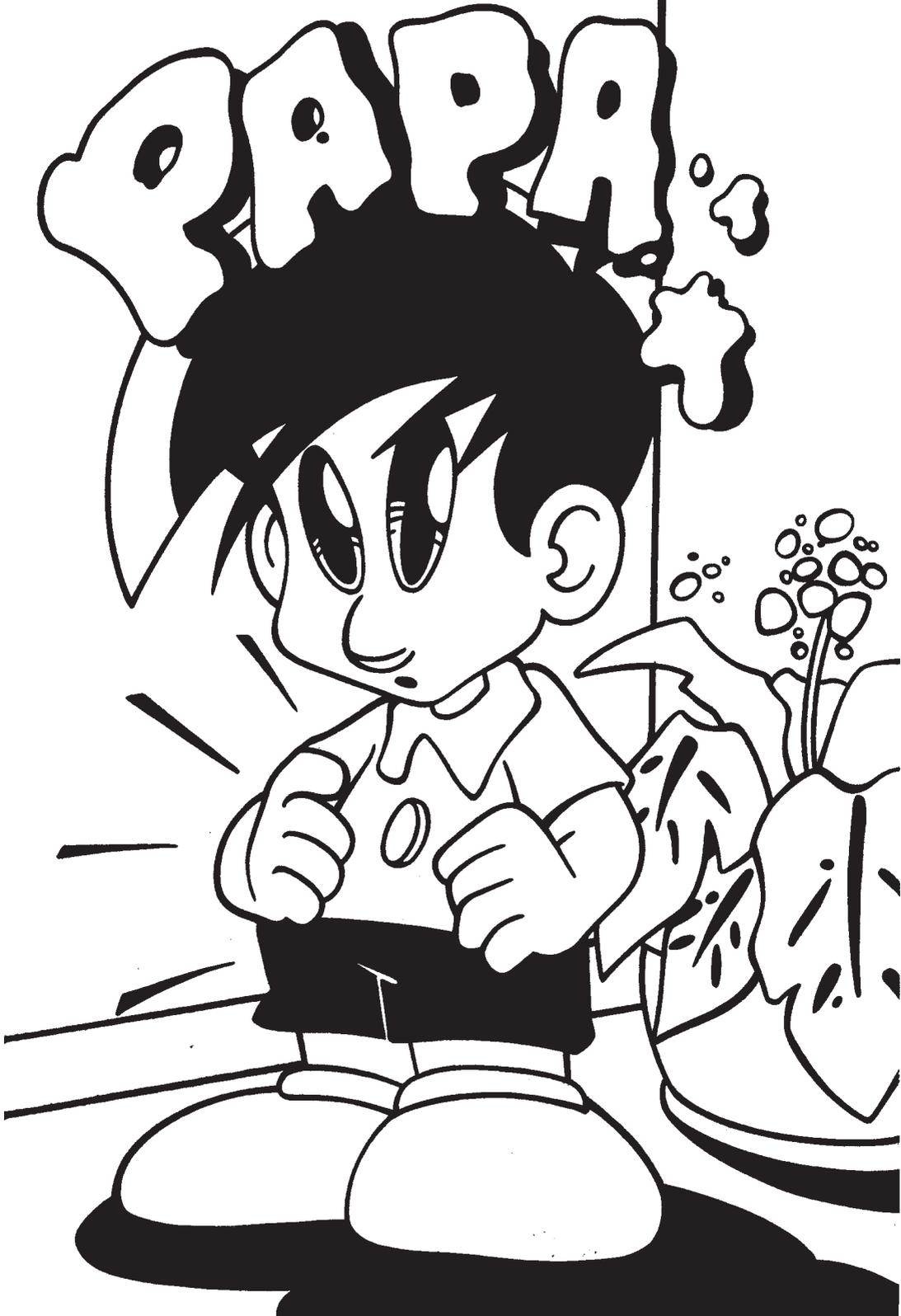
- Não, Marcelo. Professora primária é a professora que ensina os meninos pequenos quando chegam na escola, sem saber de nada. O menino Hélder era um menino diferente dos meninos de sua idade, que gostavam de empinar papagaio, de jogar pião, de brincar de *chicote-queimado*, de adivinhação, de *dono-da-calçada*.

Ele ficava pelos cantos, vendo os outros meninos brincar, pensando... Ele gostava mesmo era de assistir à missa aos domingos e dias santos. Um dia, resolveu que, quando crescesse, ia ser padre. E começou a brincar de padre, rezando suas missas com muito respeito, ajoelhado em frente a um altar que ele mesmo improvisava com uma cadeira, caixas de sapato e a cartilha da escola.

Fez sua primeira-comunhão no dia 29 de setembro de 1917 e, em 1923, matriculou-se no Seminário Diocesano de Fortaleza, onde foi um aluno exemplar.

Com vinte e dois anos, por não ter ainda a idade para ser padre, teve que conseguir uma autorização especial do Papa.

- Eu quero papa.... – choramingou



Eduardo, o menorzinho dos netos.

- Não, Eduardo. Não é papa de se comer. Papa também é o Chefe da Igreja Católica do mundo todo. É o chefe de todos os padres, que lhe devem obediência, expliquei.

No dia 16 de agosto de 1931, depois de conseguir a autorização do Papa, o padre Hélder Câmara celebrou sua primeira missa.

Assim como era um menino diferente dos outros, o padre Hélder Câmara também foi um padre diferente dos outros padres que se limitavam a rezar missa, fazer sermões, confessar os pecadores, fazer novenas do mês de maio, fazer festa da padroeira, fazer caridade e ficar preocupado apenas com os problemas de suas paróquias. O padre Hélder Câmara tinha outros planos. Queria resolver alguns problemas da pobreza, das crianças que não tinham o que comer, o que vestir e não freqüentavam a escola, tamanha era a miséria em que viviam.

- Ele foi um amigão dos pobres, não foi vô? – disse Bruno.

- Sim, Bruno. Ele tratava todos, ricos e pobres, como se fossem seus irmãos.



Como padre, Hélder Câmara participou de muitos movimentos para melhorar a situação da pobreza. Foi Secretário de Educação do Ceará. Envolveu-se, depois, com a política, chegando a fazer parte da Ação Integralista Brasileira – um partido chefiado por Plínio Salgado e que tinha como lema “Deus, Pátria e Família” -, da qual foi Secretário de Estudos. Abandonando a Ação Integralista Brasileira, o padre Hélder Câmara continuou a lutar por suas mesmas preocupações: a pobreza, a miséria e a fome.

No dia 20 de abril de 1952, o padre Hélder Câmara foi eleito bispo...

- Ele virou bicho, vô? – indagou Lucas, admirado, com os olhos bem arregalados.

- Não, Lucas. Ele não virou bicho. Ele foi eleito bispo, que é um padre que, por sua dedicação e por seus serviços prestados, é promovido para um posto mais importante e que ajuda o Papa a dirigir a Igreja.

- Logo vi, vô. Um homem tão bom não podia virar bicho... – concordou Lucas.

Eleito bispo, devido ao trabalho que estava fazendo, sua fama cresceu ainda mais, não somente no Brasil, como até em muitos países estrangeiros, principalmente depois que ele começou sua luta pelos Direitos Humanos, combatendo os ricos – não todos os ricos, é claro, e sim os maus ricos que querem escravizar os pobres, negando-lhes os direitos que

têm todos os seres humanos.

O bispo Dom Hélder Câmara recebeu muitas honrarias não somente no Brasil como até no estrangeiro, como o título de Doutor pelas universidades da Bélgica, da Suíça, dos Estados Unidos, da Alemanha, da França, da Holanda, da Itália, do Canadá, bem como de Universidades de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Goiás, de Santa Catarina, do Paraná e do Ceará.

E Carolina, que é a neta mais *velha* e que já lê jornal, deu seu *pitaco*:

- Por defender os direitos dos pobres, por combater a miséria e a fome é que Dom Hélder Câmara foi chamado de comunista, não é, vô?

- Tem razão, Carolina. Para algumas pessoas ricas – os maus ricos, é claro – comunista é todo aquele que se preocupa com a pobreza, com a miséria, com a fome. De barriga cheia, morando em boas casas, vestindo boas roupas, com os filhos nas melhores escolas e universidades, os maus ricos não se lembram dos que não têm um pão para comer, uma escola para frequentar, um trabalho para ganhar o sustento da família. As crianças que vivem nas ruas viram *trombadinhas* e percorrem os caminhos da marginalização, terminando como os assassinos de amanhã.



Reconhecendo tudo quanto Dom Hélder fez como padre e como bispo, o menino cearense foi eleito Arcebispo do Recife e Olinda no dia 12 de abril de 1964, função que exerceu até 1985.

Este ano, Dom Hélder Câmara morreu. Morreu e, ao mesmo tempo, não morreu. Morreu, porque não está mais no mundo dos vivos. E não morreu porque nos deixou seu exemplo, seus ensinamentos, sua filosofia. Os grandes homens morrem, é verdade; mas seus exemplos ficam. Foi o que aconteceu com Dom Hélder Câmara. Ele não morreu. Ele se *encantou*.

A essa altura, Lucas e Eduardo dormiam a sono solto. Mas Carolina, Érica, Marcelo e Bruno bem que prestaram atenção até o fim da estória de um menino chamado Hélder Câmara, que se tornou um homem, um herói, um santo.

# LIVROS DE MÁRIO SOUTO MAIOR



- 01 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
- 02 - ROTEIRO DE BOM JARDIM. Recife, 1954. (Com Moacyr Souto Maior)
- 03 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo : Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife : 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza : Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo : BF-Vídeo Produções, 1997.
- 04 - O CICLO. Recife, 1970.
- 05 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
- 06 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 07 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
- 08 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1985.
- 09 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1996.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977), Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.

- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições). Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed). Rio de Janeiro: Record, 1988/1998, 173p.
- 14 - FOLCLORE ROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata, 1980,1981.
- 15 - GALALAU E BATORÉS. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmios Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortázar, 1989. Fondo Nacional de las Artes. Ministerio de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana, 1988. (Com Waldemar Valente)
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. (Com Waldemar Valente)
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
- 29 - O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 30 - O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993.
- 31 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 32 - TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore Infantil). Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1993.
- 33 - RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
- 34 - GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.
- 35 - A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 36 - A MULHER QUE ENGANOU O DIABO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 38 - O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 40 - FOLCLORE ETC & TAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
- 42 - FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

- 43 - ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
- 44 - PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1998.
- 45 - CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 46 - PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 47 - DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
- 48 - A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999
- 49 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- 50 - UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: FGF/Elógica Edições, 1999.
- 51 - UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA. Recife: FGF/BCP Edições, 1999.
- 52 - UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 53 - A MENINA E O PAPAGAIO (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000
- 54 - UM MENINO CHAMADO CAPIBA. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 55 - JOÃO MARTINS DE ATHAYDE (Introdução e Seleção). São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- 56 - FREI DAMIÃO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000 (com Gutemberg Costa)
- 57 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2001 (com Waldemar Valente), v. 2, 239p.
- 58 - A MENINA AVÓ E SEUS ALMANAQUES. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2001, 84p.
- 59 - BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA DE CORDEL (Inserida, com mais de 400 referências). In: LAYTEN, Joseph M. (Org.). Um Século de Literatura de Cordel. São Paulo: Nosso Stúdio Gráfico, 2001, 413 p.
- 60 - ALGUMAS PERNANS CURTAS DA MENTIRA. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2001 (com Manuel Correia de Andrade, Renato Phaelante e Getúlio Araújo), 104 p.
- 61 - O GRANDE LIVRO DAS ADIVINHAÇÕES. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002, 129 p.
- 62 - DICIONÁRIO DE FOLCLORE PARA ESTUDANTES. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2004, 200p.
- 63 - QUAL A SUA GRAÇA? Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2011, 45p.



**MÁRIO SOUTO MAIOR** nasceu no dia 14 de julho de 1920, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco. Frequentou a escola da professora Josefa Coleta de Albuquerque (Santinha), onde aprendeu as primeiras letras. No Colégio Marista, do Recife, fez o curso primário e ginásial. No Colégio Carneiro Leão, fez o curso pré-jurídico e em Maceió, na Faculdade de Direito de Alagoas, concluiu o curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Advogado, exerceu as funções de promotor público das comarcas de Surubim e João Alfredo. Foi prefeito de Orobó, professor da Escola Normal Santana, de Bom Jardim, fundador, diretor e professor do Ginásio de Bom Jardim, Inspetor Federal de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura. A partir de 1967 começou a trabalhar, na parte administrativa, no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje, Fundação Joaquim Nabuco, e, em 1976, como diretor do Centro de Estudos Folclóricos, quando desenvolveu todas as suas pesquisas na área de sua especialidade. Publicou *Como nasce um cabra da peste* (1969), *Cachaça* (1970/1), *Antônio Silvino Capitão de Trabuço* (1971), *Em torno de uma possível etnografia do pão* (1971), *Dicionário da cachaça* (1973), *A morte na boca do povo* (1974), *Nomes próprios poucos comuns* (1974), *Território da danação* (1976), *Nordeste: a inventiva popular* (1978), *Dicionário do Palavrão e termos afins* (1980), *Folclorerotismo* (1980), *Galalaus & batorés* (1981), *Painel folclórico do Nordeste* (1981), *Comes e bebes do Nordeste* (1984), *Remédios populares do Nordeste* (1986), *Folclore quase sempre* (1986), *Folclore e alimentação* (1988), *Antologia*



[www.domhelder.com.br](http://www.domhelder.com.br)

**HÉLDER** Pessoa **CÂMARA**, filho de João Câmara Filho e de dona Adelaide Pessoa Câmara, nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909, na cidade de Fortaleza, Ceará. Seu pai, era guarda-livros e sua mãe, professora primária. O menino Hélder era diferente dos outros. Enquanto os outros meninos brincavam de pega, de empinar papagaio e jogar pião, o menino Hélder ficava pensando. O que ele gostava era de assistir à missa dos domingos e dias santos. Brincava de padre, de rezar sua missa num altar improvisado com um retrato de santo em cima de uma caixa de sapato sobre uma cadeira. Mas ele brincava de padre com muito respeito. Fez sua primeira comunhão e, alguns anos depois, foi matriculado no Seminário Diocesano de Fortaleza, onde foi um aluno exemplar. Para poder ser ordenado padre teve que obter uma licença especial do Papa, pois só tinha 22 anos de idade. Ordenado padre, Hélder Câmara passou a se preocupar com os problemas da pobreza, dos meninos que não podiam freqüentar a escola e não tinham o que comer. Pertenceu aos quadros da Ação Integralista Brasileira, mas, desligando-se do partido, continuou a lutar contra a miséria, a pobreza, a fome. Eleito bispo e graças ao trabalho que estava realizando, sua fama chegou até o estrangeiro, onde fazia conferências e tinha seus livros traduzidos para diversas línguas. Em 1964 foi eleito Arcebispo do Recife e de Olinda, cargo que ocupou até 1985. Faleceu em 1999, deixando seu exemplo, seus ensinamentos, sua bondade.